



Complementando Machado: a literatura em cena

Complementing Machado: literature on stage

Prof. Ms. Flavio Botton, GEPHILIS-UniABC

FARIA, João Roberto (org.). **Machado de Assis do Teatro**. Textos críticos e escritos diversos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. 679 p.

FARIA, João Roberto (org.). **Teatro de Machado de Assis**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. 604 p.

Desnecessário seria abrir um texto qualquer, mesmo uma modesta resenha, elencando as infindáveis e bastante reconhecidas qualidades do nosso mais notório romancista e contista. Porém, de todos os atributos de Machado de Assis, há alguns menos populares e outros que, talvez, precisem de resgate.

Referimo-nos às suas ligações com a crítica teatral, assim como ao seu próprio repertório dramático. Todos conhecem o seu romance, alguns a sua crítica, poucos a sua dramaturgia.

Preenchendo sabiamente as lacunas apontadas, estão duas obras organizadas pelo professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, João Roberto Faria. O primeiro, já lançado há algum tempo, é o volume das obras teatrais de Machado, enquanto o segundo, que veio à luz pela Editora Perspectiva no final de 2008, reúne os seus textos críticos sobre a produção teatral brasileira da segunda metade do século XIX.

Nesse último, tomamos contato com uma habilidade de Machado, como dissemos acima, das menos conhecidas pelo grande público nosso contemporâneo, mas a que deu fama mais cedo ao escritor em seu próprio tempo. Sua carreira começou pela crítica dramática. Lúcido e entusiasmado, Machado acompanhou de perto grande parte da vida teatral do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Já nessa sua atividade inicial, sobressaem-se as preocupações que o autor arrolará em seus mais famosos romances. O teatro, assim como a literatura em sua visão posterior, possui uma nítida função social e não pode ser visto apenas como um simples passatempo. É, sem dúvida, um lugar de distração, mas igualmente de ensino. Para isso, acreditava o jovem crítico, era preciso um teatro realista que nos mostrasse os costumes de nossa vida social, não apenas para reproduzi-los, mas, essencialmente, para moralizá-los.

Essa linha de pensamento seguia claramente a noção de teatro descrita por José de Alencar, que, em um de seus textos, descreveu o teatro como um “daguerreótipo moral” da família e da sociedade. A propósito de se citar o autor de **O Guarani**, Faria aponta, na preciosa *Introdução* da obra, ter sido ele um dos maiores entusiastas do novo crítico. O autor reporta-se ainda à carta aberta a Machado, em que afirma Alencar: “o senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência, que se chama a crítica”, e mais adiante confere-lhe o título de “primeiro crítico brasileiro”.

A obra resenhada acompanha, em seus comentários iniciais, assim como na seleção dos textos machadianos, o trajeto de trabalho de um perspicaz observador que, como bem cabe a um jovem crítico teatral, fala entusiasmadamente de seu mundo e das inúmeras perspectivas que lá ele é capaz de divisar.

Ao descrever o jovem aficionado, Faria afirma sobre um dos primeiros trabalhos desse crítico iniciante que “o tom enfático do artigo revela o jovem que acredita nas instituições e no poder transformador ou mesmo revolucionário da palavra” (FARIA, 2008, p. 35).

A linha traçada segue até o momento em que se percebe já a presença de um pouco otimista senhor, algo como um crítico que se assemelha ao Casmurro, descrente do homem e da sua capacidade de aproveitar o melhor ou de fazer o bem. Mais tarde, já em 1873, em seu famoso artigo *Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, Machado dedica uma fração de sua atenção ao teatro e encontramos então com um cético articulista: “esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência. Não há

atualmente teatro brasileiro (...) o gosto do público tocou o último grau da decadência e perversão” (MACHADO *apud* FARIA, 2008, p. 531).

Assim, João Roberto Faria nos mostra, literalmente com todas as letras, o nascimento e o rápido amadurecimento de um grande crítico teatral.

Apesar desse final melancólico, em que diz não haver “teatro brasileiro”, Machado nunca desistiu completamente de sua carreira como dramaturgo, que foi, sem dúvida, mais intensamente perseguida nas décadas de 1850 e 1860. Porém, depois desses anos, ele viria a produzir as suas melhores obras dramáticas.

Abusando do trocadilho, entra em cena então a segunda obra epigrafada. Em um volume de seiscentas páginas, encontramos a dramaturgia de Machado de Assis, organizada e prefaciada pelo mesmo João Roberto Faria.

Ao alcance dos leitores, são colocadas as leves e educativas comédias, que, em certos casos, podem servir até como uma aprazível introdução à densa obra romanesca machadiana. Recomendável seria que todos os professores tomassem contato com essas peças e considerassem a sua utilização para apresentar aos seus jovens alunos, retráteis à leitura de grandes romances, o nosso maior escritor de uma forma mais simples. Propor ao público escolar uma encenação, ou mesmo a rescrita atualizada, de uma dessas obras pode ser tarefa mais atraente para os olhos juvenis pouco afeitos à leitura.

Bastante própria a tal encargo seria a peça **Quase Ministro**. Imagine-se a facilidade de compreensão de uma comédia em que um dos adolescentes deverá representar um cidadão possivelmente indicado para um cargo de ministro e que, com o alastrar da notícia, começa a receber os interessados em mostrar-lhe projetos, dos mais estranhos, a serem financiados por ele, ao assumir o importante cargo público, o que acaba por se frustrar.

Como apreciaria Machado, estariam eles refletindo sobre as relações sociais ao mesmo tempo em que se divertiriam. Aplausos aos professores que por aí se aventurarem.